

ESPAÇO CONCEDIDO AO GÊNERO RAP NA CAPA DA REVISTA ROLLING STONE BRASIL: UM ESTUDO À LUZ DOS VALORES-NOTÍCIA

João Francisco Milioli Bastos¹

Nádia Couto²

RESUMO: Com o objetivo de analisar o espaço oferecido pela revista Rolling Stone Brasil ao gênero musical *rap* em suas capas, esta pesquisa toma como base os valores-notícia de Wolf (1992) e Traquina (2005). Para atingir este objetivo geral, os seguintes específicos foram traçados: analisar as capas da revista Rolling Stone Brasil que trazem o *rap*; entender como a publicação apresenta o estilo musical em suas capas, pela ótica dos valores-notícia, e identificar os valores-notícia nas capas da publicação que abordam o *rap/hip hop*. Foram analisadas seis capas da Rolling Stone Brasil, com base nos autores citados. Dentre os valores-notícia encontrados, os mais presentes foram os de personalização, notoriedade e novidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rap; Rolling Stone Brasil; valor-notícia; jornalismo

1 INTRODUÇÃO

Conforme Rose (1994), o movimento é constituído pela linguagem artística da música (*Rap-Rhythm and Poetry*, pelos rappers e DJs), da dança (o *break*) e da arte plástica (o *grafitti*). Segundo Magro (2002), o *hip hop* carrega características e comprometimentos da educação não formal, já que um de seus principais objetivos é reunir jovens nas periferias, em ações voltadas à conscientização política e de exercício da cidadania, abordando conteúdos que não são ensinados na escola formal, como por exemplo as questões racial e étnica do povo.

Diante desse quadro, apresenta-se como problema de pesquisa: qual o espaço concedido pela revista Rolling Stone Brasil ao gênero rap em suas capas? O objetivo geral, portanto, é analisar o espaço dado pela Rolling Stones Brasil para o gênero rap em suas capas, seguindo o conceito de valores-notícia. Segundo Traquina (2005), os jornalistas possuem seus próprios óculos particulares por meio dos quais veem certas coisas e outras

¹ Graduando em Jornalismo da Faculdade SATC. E-mail: joaofbastos_@hotmail.com

² Professora orientadora. Mestre em Educação pela Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC). E-mail: nadia.couto@satc.edu.br.

não. Operam uma seleção e construção daquilo que é acrescentado à publicação (TRAQUINA, 2005).

Os objetivos específicos do estudo são analisar as capas da revista Rolling Stone Brasil que trazem o *rap/hip hop*; entender como a publicação apresenta o estilo musical em suas capas, através da ótica dos valores-notícia; identificar os valores-notícia nas capas da publicação que abordam o *rap*.

A revista Rolling Stone Brasil foi uma das mais tradicionais do país na questão entretenimento. Publicação mensal, em setembro de 2018 atingiu a edição de número 144, sendo a sua última edição impressa. Para uma revista que possui um leque de informações, é de extrema importância analisar o valor-notícia em suas capas.

Com relação aos procedimentos metodológicos, do ponto de vista da natureza esta pesquisa é básica. No tocante à abordagem do problema é qualitativa e aos objetivos é exploratória. Já do ponto de vista dos procedimentos técnicos é bibliográfica e estudo de caso, com a análise da revista Rolling Stones Brasil.

2 RAP/HIP HOP

O *hip hop* é um movimento de cultura juvenil que surgiu nos Estados Unidos, nos últimos anos da década de 1960. A prática se popularizou unindo itens culturais dos jovens negros e latino-americanos nos guetos e ruas dos grandes centros urbanos (MAGRO, 2002). O movimento ajudou na sociabilidade de jovens das periferias, nos bairros, ruas, esquinas e escolas, tornando-se um elemento para a formação de adolescentes.

Nos Estados Unidos e no Brasil, inicialmente, os elementos que hoje constituem o *hip hop* estavam mais direcionados ao lazer, ao divertimento, e como mecanismo de contenção da violência. Porém, por meio do aprimoramento dos elementos artísticos e das organizações dos grupos de dança e música, que no *hip hop* denominam-se “posses” ou *crews* (grupos de dança ou grafite) que o movimento emergiu como uma organização social capaz de unir os jovens em manifestações artísticas que propiciam uma interpretação política de sua própria condição (MATSUNAGA, 2008, p. 108).

Ainda para a autora, o movimento *hip hop* procura realizar manifestações político-culturais no Brasil por meio de expressões artísticas, em momentos envolvendo debate entre seus próprios integrantes ou reivindicando direitos ao poder público.

O *hip hop* é um conjunto de itens que engloba o rap. Para Amorim (2016), as letras de rap têm um poder simbólico contra as forças opressoras aos negros. Este gênero passou a ser considerado um bem cultural e uma mercadoria que podem formar uma cultura transnacional e globalizada. No Brasil, o *hip hop* começou a ganhar força no final da década de 1980, especialmente com o ritmo rap (MAGRO, 2002).

Uma das principais características do rap é a reinvenção do cotidiano por meio da oralidade de pessoas comuns (CONTIER, 2005). Nas letras são denunciados problemas vivenciados na sociedade e negligenciados pelos poderosos. Os rappers podem ser comparados a cronistas e críticos da modernidade.

Segundo Contier (2005), normalmente esse estilo musical era tocado em bailes e shows, envolvendo um DJ e um MC, no início o MC cantava os refrões e o DJ fazia improvisações. Amorim (2016) diz que o rap é composto por partes de músicas já gravadas, produzindo novas trilhas musicais com letras e rimas.

As letras das canções de rap são denúncias da exclusão social e cultural, violência policial e discriminação racial, construindo-se de longas descrições do dia-a-dia de jovens que vivem nas periferias de centros urbanos (SILVEIRA, 1999). Conforme Magro (2002), percebendo a grande adesão da juventude a indústria fonográfica cresceu e passou a investir no gênero.

O primeiro disco deste estilo lançado no Brasil foi em 1987, chamado "A Ousadia do Rap", que fez pouco sucesso. Em 1988 a coletânea "*Hip hop* cultura de rua" vendeu 25 mil cópias. O aumento na quantidade de movimentos também descentralizou as propostas iniciais. Alguns rappers negaram entrar para o mundo televisivo e penetrar na mídia, por outro lado, esse tipo de exposição é importante para a divulgação de ideias e trabalhos (CONTIER, 2005).

O alcance dos elementos que compõem o movimento *hip hop* é nacional, pois ainda que as pessoas não pertençam a este grupo/movimento e não consigam identificá-lo como um movimento social, é possível que já tenham escutado rap e tenham visto sua dança em chamadas televisivas. Assim, o discurso produzido pelo movimento é veiculado não só entre seus integrantes, mas entre a população que tem acesso a suas expressões (MATSUNAGA, 2008, p. 109).

Segundo Assumpção (2009), Mano Brown é considerado o principal porta-voz entre os rappers. Mesmo sendo um dos mais famosos entre cantores e compositores do

gênero, mantém uma relação de atrito com a imprensa, de distanciamento e de desconfiança. Portanto, quando concede uma entrevista, suas palavras são tratadas como uma conquista, quase um furo jornalístico. Ainda assim, Brown é a figura do rap nacional que mais conquistou espaço nas capas de revistas especializadas em músicas, como a *Rolling Stone Brasil*.

Assim como outros gêneros musicais elegem os seus ídolos e astros, com o rap nacional não é diferente, possuindo algumas celebridades (ASSUMPÇÃO, 2009). Músicos como Mano Brown representam a elite do gênero no país. Segundo o autor (2009), o rapper sintetiza o exemplo de uma personalidade notória. A imprensa persegue a notoriedade e o reconhecimento, sendo um de seus principais critérios de valor-notícia.

Para Yúdice (2006), as críticas à identidade nacional brasileira, especialmente as formuladas pelo movimento de rap da juventude negra, vem sendo feitas no campo político, racial e cultural. O autor também afirma que a cena cultural passa por um processo de mutação, refletindo a insatisfação com a nação.

Por meio das novas músicas não tradicionais como *funk* e rap, procuram estabelecer novas formas de identidade, mas não aquelas pressupostas na autocompreensão do Brasil, tão anunciadas, como sendo uma nação de diversidade sem conflitos. Pelo contrário, a música é sobre a “desarticulação da identidade nacional e a afirmação da cidadania local” (YÚDICE, 2006, p. 162).

Os rappers sempre trabalharam para levantar uma bandeira e representar uma voz das minorias, é através do movimento do rap que eles conseguem transmitir sua mensagem e realidade vivida nas periferias. De acordo com Yúdice (2006, p. 177):

O movimento rap está se tornando mais visível e ele transmite uma clara mensagem ideológica contra o racismo e contra a cumplicidade do Estado com ele. As organizações rap e *hip hop* formaram-se em São Paulo e no Rio, com a aprovação dos representantes governamentais do Partido dos Trabalhadores, particularmente do Departamento de Cultura em São Bernardo do Campo, um dos vários polos industriais na periferia de São Paulo, que subvencionou o projeto de ação cultural “Movimento de Rua” e seu livro de letras e poesia rap, *ABC Rap: Coletânea de poesia rap*.

Segundo o autor, os editores e contribuidores definiram suas demandas em torno de questões de “negritude (a maioria dos jovens é negra), racismo, violência urbana,

pobreza (a maioria dos jovens vive na ou abaixo da linha de pobreza), o movimento rap e ecologia” (OLIVEIRA et al., 1992, p. 5, apud YUDICE, 2006, p. 178).

A imprensa tem a capacidade de determinar os assuntos que serão discutidos na mídia, o que acaba influenciando a sociedade (ASSUMPCÃO, 2009). A atuação dos jornalistas é definida pelo critério de noticiabilidade e ação dos promotores de notícias. A mídia proporciona visibilidade aos protagonistas do rap, o que muitas vezes é retratado como um produto consumido por jovens pobres. Por outro lado, os rappers conseguem aumentar sua popularidade e influência.

3 JORNALISMO DE REVISTA

O jornalismo de revista se distancia do que Schwaab e Tavares (2009, p. 1) chamam de “notícia quente”. Para os autores, o acontecimento toma local de destaque, e surge a importância de noticiá-lo com urgência, proximidade da data do ocorrido. De acordo com Scalzo (2003, p. 11), “uma revista é um veículo de comunicação, um produto, um negócio, uma marca, um objeto, um conjunto de serviços, uma mistura de jornalismo e entretenimento”.

Nas revistas, o foco é outro. De acordo com Scalzo (2004 apud SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 2), este tipo de publicação acabam sendo “[...] mais complexa que a simples transmissão de notícias. Entretêm, trazem análise, reflexão, concentração e experiência de leitura”. Para Scalzo (2003), a revista é um encontro entre os editores e os leitores, um contato que cria uma conexão e que une um grupo de pessoas, nesse sentido ajudando a criar uma identidade e sensação de pertencer a determinado grupo.

Portanto, a revista é um produto que oferece maior profundidade nos temas que aborda, possibilitando uma visão diferenciada do acontecido (SCHWAAB; TAVARES, 2009). Costumeiramente, as publicações tendem a falar de assuntos recentes, mas com pouca proximidade às datas do fato que se quer discutir. Além da distância temporal, as revistas trazem textos mais densos, que quebram a objetividade clássica do jornalismo cotidiano. Também costumam abordar temas extremamente específicos, tais como esportes, cinema, dança, comportamento, política e, entre outros, a música, tema deste estudo.

“A revista une e funde entretenimento, educação, serviço e interpretação dos

acontecimentos. Possui menos informação no sentido clássico e mais informação pessoal (aquela que vai ajudar o leitor em seu cotidiano, em sua vida prática)” (SCALZO, 2003, p. 14).

3.1 REVISTA ROLLING STONE BRASIL

Quando se fala em publicações de entretenimento, a revista Rolling Stone é a maior do mundo. Tendo a música como carro-chefe editorial, suas edições abordam comportamento, moda, entretenimento, música, consumo, tecnologia, crítica sociopolítica, vídeo game, quadrinho, fanatismo, cinema, celebridades, e todos os tipos de comportamento social (REVISTA JÁ).

Nas bancas pela primeira vez em 9 de novembro de 1967, não possuía o formato de revista e sim de tablóide jornalístico. Segundo Jenn Wanner, seu fundador, a revista foi criada em São Francisco, Califórnia, para falar sobre rock com inteligência e respeito. O sucesso foi tão grande que ganhou outras versões ao redor do planeta, incluindo o Brasil.

A revista Rolling Stone Brasil teve sua primeira edição publicada em 2006, com 12 anos em circulação. Nesse período firmou-se como uma das principais referências editoriais do país, com mais de 100 mil exemplares vendidos (SPRING, 2010). É publicada mensalmente, chegando em maio de 2018 a sua 140ª edição. A Rolling Stone parou de circular no mês de setembro de 2018, a edição 144 foi a última em circulação. O conteúdo continua sendo produzido on line.

4 VALOR-NOTÍCIA

Os valores-notícia constituem-se de elementos julgados como importantes, sendo selecionados para virarem notícia (AGUIAR, 2008). O valor-notícia também leva em conta a sua capacidade de proporcionar entretenimento para o público-alvo. São notícias interessantes aquelas contadas da perspectiva humana, com curiosidades para atrair atenção. O critério de relevância do fato pode se chocar com a potencialidade do acontecimento como entretenimento.

Para Moreira (2006), no Brasil existem poucos estudos empíricos sobre esse assunto. O valor-notícia leva em conta também o fato do jornalista observador, que atua diretamente desde a concepção do fato. O critério de noticiabilidade está ligado com a observação de rotinas produtivas já existentes.

Os valores-notícia representam apenas um dos grupos de critérios que compõem a noticiabilidade e estão profundamente enraizados na cultura jornalística, desenvolvida ao longo de mais de quatro séculos. Como diria Nelson Traquina, eles são os “óculos” do jornalista, isto é, uma forma peculiar de ver o mundo. Sem essa “visão” singular, não há notícia (MOREIRA, 2006, p. 10).

A teoria do valor-notícia indica que o sensacionalismo é uma forma de narrativa jornalística voltada a atrair o interesse do público. De acordo com Aguiar (2008), a potencialidade de entretenimento do acontecimento deve estar ajustada com o discurso jornalístico. Segundo Moreira (2006), o jornalismo deveria priorizar os valores relacionados a contar histórias, dando ênfase ao interesse que a notícia pode atingir, sem fugir da verdade.

Os fatos que provocam empatia e sentimentos, envolvendo personagens e ações, principalmente em situações imprevisíveis, tendem a ganhar destaque. Segundo Moreira (p. 50, 2006), “a hierarquia dos personagens implicados é um valor-notícia que apela às aparições ou à presença pública de personagens conhecidos que são sempre notícia”. Ainda para o autor, a seleção do que deve ou não ser publicado facilita o trabalho do jornalista. O fator novidade é importante, principalmente quando envolve algum personagem famoso.

De acordo com Aguiar (2008), valores-notícia geram possibilidades para que um acontecimento possa ser veiculado como um produto informativo. Um item fundamental é o entretenimento, que foi importante no agrupamento de outros segmentos de pessoas para se tornarem leitores de jornais.

Moreira (2006) afirma que ao pegar capas de jornais isoladamente, ou apenas as manchetes sobre o mesmo assunto, os valores-notícia serão praticamente iguais. Isso confirma um núcleo central de valores indispensáveis para ser capa em veículos de referência e com circulação nacional. Também possui valores ideológicos, com papel central na cultura dominante.

Temos que, de maneira geral, o jornalismo atua tanto sob os princípios do serviço público quanto sob os interesses do negócio. Quando valoriza as notícias de importância social, está atuando como serviço público, oferecendo aquilo que o leitor precisa saber. Já as notícias com grande dose de “interesse” têm a função de satisfazer a curiosidade, preenchendo a necessidade de “diversão” do público. Nesse caso, o jornalismo valoriza aquilo que o público está ávido em saber, mas não o que é útil ou importante para a sua vida em sociedade. É nesse espaço que pode atuar o aspecto do negócio, procurando atender ao “interesse do público” em vez do “interesse público” (MOREIRA, 2006, p. 34).

A notícia passa a ser cuidada como uma mercadoria, recebendo investimentos para ser aprimorada. Segundo Aguiar (2008), a linguagem utilizada deve deixar o texto mais atraente, sobretudo nas capas dos jornais. Manchetes, chamadas e anúncio de reportagens também são importantes. As capas de jornais e revistas podem conter a visão do jornalista sobre os fatos ou então serem escritas sem tendenciosidade. Algumas características podem ser realçadas pelos profissionais da área (MOREIRA, 2006).

De acordo com a autora, valores-notícia não são naturais, e sim frutos de uma intenção prévia e da cultura jornalística. Sujeitos e rotinas podem ser segmentos resultantes da valorização na construção de notícias. Portanto, para Moreira (2006), muitos fatos jornalísticos podem dizer pouco sobre a verdadeira sociedade.

Existem duas maneiras de se separar os valores-notícia, conforme Traquina (2005): dividindo-os entre os de **seleção** e os de **construção**. Estes últimos estão presentes em todo processo de elaboração de notícias.

“Para Wolf, os valores-notícias de seleção referem-se aos critérios que os jornalistas utilizam na seleção dos acontecimentos, isto é, na decisão de escolher um acontecimento como candidato a sua transformação em notícia e esquecer outro acontecimento” (TRAQUINA, 2005, p. 78).

Os valores-notícias de **seleção** possuem dois subgrupos, **os critérios substantivos** e **os critérios contextuais**. Segundo Traquina (2005), os critérios substantivos dizem respeito à avaliação direta do acontecimento em termos da sua importância ou interesse como notícia, e os critérios contextuais se referem ao contexto da produção da notícia.

Os valores-notícia de seleção, de **critérios substantivos**, que são a **novidade**, a **importância do acontecimento**, a **significatividade**, a **notoriedade**, a **relevância** e a **proximidade**, possuem fatores e consensos da comunidade jornalística para explicar seus

processos de notícias. Segundo Traquina (2005), um dos conceitos fundamentais no jornalismo é a **novidade**. O que há de novo? A área jornalística interessa-se muito pela primeira vez.

Outro valor-notícia de critérios substantivos é **importância do acontecimento**. “Quanto mais o acontecimento disser respeito às pessoas de elite, mais provavelmente se transformará em notícias” (GALTUNG; RUGE, p. 118 apud WOLF, 1992, p. 178). Para o autor, a **significatividade** também determina o valor-notícia, de acordo com sua relevância e importância ao sistema cultural e ideológico do país em questão.

De acordo com Traquina (2005, p. 79), outro exemplo de critério substantivo é a **notoriedade**. “A notoriedade do ator principal do acontecimento é outro valor-notícia fundamental para os membros da comunidade jornalística”. A **relevância** também é outro valor-notícia, pois tem a preocupação de informar ao público acontecimentos que têm impacto na vida das pessoas. Traquina afirma que esse valor-notícia determina que a noticiabilidade tem a ver com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação.

A **proximidade** também é critério substantivo. Segundo Wolf (1992), essa aproximação da notícia refere-se pela regra da prioridade das notícias internas e que estão à disposição, em relação às notícias externas, de acordo com sua proximidade em relação ao público. Ele cita que a capacidade de entretenimento é um valor-notícia importante, afirma que a notícia precisa ser interessante para o público que está acompanhando, servindo como um meio próprio ou então buscando auxiliar outros instrumentos do jornalismo (GOLDING ELLIOT, 1979, p. 117, apud WOLF, 1992).

No grupo de **critérios contextuais** estão valores-notícia como a **disponibilidade, o equilíbrio e atualidade**. Para Wolf (1992), “[...] por critérios contextuais entende-se os critérios que dizem respeito ao contexto do processo de produção das notícias e não às características do próprio acontecimento”.

Segundo Golding e Elliot (1979, p. 144, apud WOLF, 1992, p. 182), com relação à **disponibilidade**, “trata-se de saber quão acessível é o acontecimento para os jornalistas, quão tratável é, tecnicamente, nas formas jornalísticas habituais; se já está estruturado de modo a ser facilmente coberto, se requer grande dispêndio de meios para cobrir”.

De acordo com Wolf (1992), a produção informativa deve levar em consideração uma questão própria, onde os fatos devem ter acontecido dentro de 24 horas para serem divulgados. Ainda conforme o autor, o **equilíbrio** está relacionado ao ambiente em que o veículo informativo está inserido geograficamente "(procura-se ter notícias que cubram, dentro do possível, todo o território nacional), as classes etárias (notícias que possam interessar, tendencialmente, todas as camadas da população)" (WOLF, 1992, p. 187).

Já a **atualidade**, para Wolf (1992), diz respeito à velocidade com que as notícias são veiculadas. Quanto mais proximidade do acontecimento com a publicação deste, melhor. Segundo o autor (1992), a atualidade está diretamente ligada à frequência. Isso porque "o quadro temporal estabelecido pela frequência da informação e pelo seu formato, determina igualmente o *frame* em que é avaliada a atualidade ou não de um acontecimento".

O que deve ganhar destaque e o que deve ficar de fora durante o processo de moldagem de uma notícia fazem parte dos valores-notícia **de construção**, descritos por Traquina (2005). Nesse sentido estão incluídos os valores-notícia de **simplificação, amplificação, personalização, dramatização e consonância**. O autor garante que a **simplificação** possibilita que a notícia possa ser entendida e notada, para isso, o ideal é escrever de modo popular. Falou ainda sobre a **amplificação**, indicando que quanto mais marcante for o fato noticioso, maiores serão as possibilidades, e exemplificou: "Brasil chora a morte de Senna" ou "América chora a morte de Nixon" (TRAQUINA, 2005, p. 91).

A **personalização** destaca o valor do personagem na notícia. Como afirma Traquina (2005), por personalizar entende-se valorizar as pessoas envolvidas no acontecimento. Outro valor-notícia de construção é a **dramatização**. Traquina (2005, p. 92) entende por dramatização "o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual".

O autor aponta ainda a **consonância** como mais um valor-notícia de construção. "[...], a notícia deve ser interpretada num contexto conhecido, pois corresponde às expectativas do receptor. Implica a inserção da novidade num contexto já conhecido, com a mobilização de 'estórias' que os leitores já conhecem" (TRAQUINA, 2005, p. 93).

5 ANÁLISE DOS DADOS

Com o objetivo proposto neste estudo, de verificar o espaço dado pela Revista Rolling Stone Brasil ao gênero rap em suas capas, com base nos valores-notícia, seis capas foram analisadas. As revistas com as capas analisadas foram publicadas ao longo de nove anos, entre 2009 e 2018.

Nesse tempo foram apenas seis capas com personalidades e conteúdos voltados ao rap, sendo que a primeira com esse destaque foi lançada apenas em 2009, quase três anos após a fundação da Rolling Stone Brasil, e mais de 30 edições depois. Dessas seis, três trazem o cantor Mano Brown na capa. Além disso, outras duas capas foram em edições seguidas.

Figura 1 - Capa que apresenta Emicida



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

A primeira capa (Figura 1) apresenta o cantor e compositor conhecido como Emicida. Publicada em setembro de 2015, a edição tem, como principal chamariz, a mescla entre a produção musical do rapper e sua incursão bem-sucedida no mundo do

empreendedorismo. O subtítulo “O rapper que combate o racismo enquanto alimenta uma bem-sucedida máquina de negócios” oferece ao cantor uma aura de benfeitor, bem como empresário de sucesso.

De acordo com os valores-notícia apresentados por Traquina (2005), é possível identificar, em primeiro lugar, a **notoriedade**, visto que Emicida é uma personalidade conhecida no mundo musical, principalmente por aqueles que acompanham a cena do rap nacional. Assumpção (2009) afirma que o rap também conta com suas celebridades.

A **novidade** também toma lugar na capa, pois, segundo Magro (2002), o rap acaba, mesmo que por associação, ligado às periferias, longe de centros comerciais e empresários de sucesso. Emicida comanda sua própria empresa seria um fato que agrega diferenciação, se comparado com outros músicos do estilo.

Sendo uma das poucas capas da Rolling Stone Brasil a abordar o gênero rap, é interessante notar que, ao mesmo tempo em que dá espaço ao gênero, a revista acaba distanciando-o de seu cenário de origem que, segundo Silveira (1999), é a periferia.

De certa forma, a abordagem da pauta, que equilibra a voz periférica do combate ao racismo através da exposição dos problemas cotidianos de pessoas comuns com a dita bem-sucedida carreira empresarial de Emicida, oferece uma dualidade interessante ao estudo. Isso porque, para Contier (2005), o rap serve como forma de evidenciar a violência, a pobreza e a negligência do estado e da população abastada para com os moradores das periferias.

Como, então, Emicida representaria o rap, ao mesmo tempo em que integra o time dos ricos empresários? Não que representar ambos os círculos sociais simultaneamente seja impossível, inviável ou condenável. O que se aponta é a aparente inclusão de um rapper bem-sucedido e rico na capa da revista, ainda que isso possa afastar a personalidade do círculo social predominante no rap, que é o jovem favelado, alguém do mundo dos negócios.

Esta dualidade reforça, novamente, o valor-notícia da **novidade** na capa. O que pode ficar subentendido, neste caso, é que a Rolling Stone Brasil cede espaço para o rap apenas quando este envolve menos o periférico, visto que, inicialmente, este não é o público-alvo ou a abordagem da publicação.

Por fim, o valor da **personalização** aparece, dando rosto à história de um dos rappers mais famosos, bem-sucedidos e relevantes do Brasil. Este valor é acompanhado por outro: a **significatividade**. Como apontado por Traquina (2005), ela informa a relevância da pauta, de acordo com o que esta representa para o sistema cultural e ideológico do país em questão. Neste caso, o que o racismo e o sucesso empresarial, unidos por uma personalidade de um dos gêneros musicais mais ideológicos existentes (SILVEIRA, 1999), representariam para o Brasil? Este é um dos principais chamarizes da capa, direcionando a atenção do leitor para dentro das páginas da Rolling Stone Brasil.

Figura 2 – Capa que apresenta os Racionais MC's



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

Liderados por Mano Brown, os Racionais MC's fizeram história no cenário do rap nacional. Como aponta Contier (2005), o gênero não recebeu a devida atenção até meados de 1997, quando o primeiro disco do grupo, 'Sobrevivendo no Inferno', foi lançado (JULIÃO, 2018). Diferente da Figura 1, o sucesso aqui é outro que não o empresarial: ser a principal e mais respeitada frente do rap nacional. O foco encontra-se apenas no que diz respeito ao cotidiano periférico.

Contier (2005) fala sobre a importância política e social do rap. Com letras que criticam a organização social brasileira, expõem as dificuldades de se viver em um ambiente sem estrutura e atenção do Estado, bem como a proliferação do crime nas periferias, os Racionais MC's ofereceram a oportunidade para que muitos jovens se identificassem, verdadeiramente, com um gênero musical. O grupo passa a ser, então, o “mais relevante da música brasileira”, como diz a chamada presente na capa da Rolling Stone Brasil, vista na Figura 2.

Ainda na chamada, a capa promete detalhar as “revelações, as contradições e as polêmicas” relacionadas aos Racionais MC's. Sem expor mais do conteúdo da edição, a capa utiliza-se do valor-notícia da **dramatização**, definido por Traquina (2005) como “o reforço dos aspectos mais críticos, o reforço do lado emocional, a natureza conflitual”.

Chamar atenção para as polêmicas, contradições e revelações do grupo de rap mais importante do país, constantemente associado a política, representação social, racismo, abandono estatal e até mesmo a violência periférica cotidiana, é apoiar-se no drama que este assunto pode oferecer à boa parte da população das periferias, ambiente onde o rap é mais presente (YÚDICE, 2006; CONTIER, 2005; ASSUMPCÃO, 2009), mesmo antes dos Racionais MC's.

Figura 3 – Capa que apresenta Mano Brown



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

O integrante mais famoso dos Racionais MC's certamente é Mano Brown, como confirma Assumpção (2009). A Figura 3 apresenta o cantor e compositor com um figurino simples, destacando a cruz pendurada no pescoço por uma corrente, além de regata preta, calça jeans, um chapéu e tatuagens ao alcance dos olhos. É com essa simplicidade que o cantor deixa transparecer, nesta capa, sua origem na periferia, sempre presente em suas composições.

O primeiro valor-notícia identificado é a **notoriedade**, seguida de perto pela **personalização** (TRAQUINA, 2005). Mano Brown é o maior nome do rap nacional, e sua mera aparição na capa rende quase que um furo jornalístico, como aponta Assumpção (2005).

Este fato pode ser confirmado com o início da chamada: “Fim do Silêncio”, evidenciando que Brown estaria afastado de publicações midiáticas, ao menos até o período em que a edição foi publicada. Portanto, o rapper traz o valor da **notoriedade** (TRAQUINA, 2005), pois é referência quando se trata de discutir o rap no país.

O valor-notícia da **significatividade** também está presente na capa. Segundo Wolf (1992), esta tem relação com a relevância e importância ao sistema cultural e ideológico do país em questão. A chamada segue com a frase “entre as novas ideias e o velho radicalismo”, indicando que saber o que Mano Brown pensa sobre determinados assuntos interessa aos fãs do gênero musical, em especial quando se trata de discutir ideias que envolvem política, sociedade, cultura negra, periferia, racismo e outros problemas cotidianos vividos pela população afastada dos centros sociais e econômicos brasileiros. Para Yúdice (2006), estes temas são alguns dos mais importantes para o gênero musical.

O rap, portanto, seria a forma encontrada pelos moradores das periferias para expor sua voz, e dar voz ao maior nome da cena do gênero abre espaço para discutir estes assuntos. Aqui, a pesquisa nota a existência do valor-notícia conhecido como **proximidade** (TRAQUINA, 2005), visto que as criações musicais de Brown dizem respeito à realidade de muitos brasileiros. Nota-se que a escolha da personalidade que ilustra a capa pode ter

relação com a vontade, ou necessidade, de aproximação entre a Rolling Stone Brasil, revista focada em Rock, com o público do rap.

Ao contrário da Figura 1, esta capa não apresenta a dualidade entre rapper e empresário de sucesso. O que vemos na Figura 3, sem analisar o conteúdo do interior da revista, é um homem extremamente centrado na causa (Brown), que anteriormente se apresentava em meio a ideias radicais relacionadas à realidade suburbana, e que agora precisa falar e ser ouvido para discutir novas perspectivas. É nesse sentido que encontramos a necessidade de adaptação e mutabilidade do rap nacional, conceito levantado por Yúdice (2006), que se entrelaça com o valor-notícia da **atualidade** (WOLF, 1992), pois exige que o *rapper* aborde temas atuais à época da publicação.

Figura 4 – Capa que apresenta Mano Brown e Criolo



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

A Figura 4 traz a capa que mistura um velho e conhecido nome do rap nacional a outro, mais novo, porém igualmente importante. Aqui, a Rolling Stone Brasil apresenta ao seu leitor as semelhanças entre os dois músicos mais importantes para o gênero: Mano Brown e Criolo. Ao menos, é o que a chamada “A união dos dois MCs que revolucionaram

o rap. Cada um a seu modo” dá a entender. Também é possível supor que um novo projeto musical envolvendo ambos pode estar sendo planejado, visto o uso de “união”.

Mas, assim como a Figura 1, a Figura 4 também apresenta certa dualidade. A vestimenta dos músicos, de aspecto militarizado, em conjunto com a revolução causada no rap por ambos, apontada na chamada, lembra a luta, ou revolução, armada. Mas, enquanto Mano Brown veste algo mais padronizado, Criolo traça algo que lembra mais a guerrilha, ainda que com elementos modernos, como o acessório no pescoço.

A capa casa perfeitamente com os valores-notícia da **significatividade** e **atualidade** (WOLF, 1992), em que o primeiro diz respeito à relevância e importância do objeto em discussão ao sistema cultural e ideológico do país em questão, enquanto o segundo discute a necessidade de a notícia ser veiculada em tempo próximo ao do acontecimento. Neste caso, a importância de se discutir a revolução cultural e social proporcionada pelo *rap*.

A revolução através da música, a importância do rap para a vida na periferia, a exposição da cruel realidade de brasileiros negros, pobres, as críticas ao sistema vigente e a necessidade de se modificar o pensamento comum em relação a assuntos como política, racismo e inclusão social ditam o tema desta edição da revista. Temas pontuais que, ao serem discutidos pelos músicos, inserem o atual na conversa.

A **personalização** e a **notoriedade** (TRAQUINA, 2005) também estão presentes na capa da Figura 4, visto que Brown e Criolo acabam sendo apresentados pela Rolling Stone Brasil como os rostos por trás da revolução no rap brasileiro.

Significatividade e **relevância** (WOLF, 1992, apud TRAQUINA, 2005), por fim, integram a gama de valores-notícia presentes na capa. Isso porque tanto o rap quanto a revolução estão presentes no cotidiano de muitos brasileiros, sendo pauta de discussão para assuntos que interessam não só à periferia, mas também os centros econômicos e sociais, pois ambos são afetados pelo crescimento e constante mutabilidade (YÚDICE, 2006) do *rap*, conceito este que reflete a mudança na cena cultural do país, em vista da insatisfação com o Estado por parte dos cidadãos.

Figura 5 – Capa que apresenta Criolo



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

Na Figura 5, a capa da Rolling Stone Brasil trouxe uma entrevista exclusiva com o músico conhecido como Criolo. Ainda que, segundo Assumpção (2009), Mano Brown seja a face mais conhecida do *rap* nacional, a chamada de capa desta edição apresenta Criolo como “o *rapper* mais sensível do Brasil”, dando personalidade a um personagem recorrente no gênero musical em questão. Encontram-se, segundo Traquina (2005), os valores-notícia da **notoriedade** e **personalização**. Enquanto aquele fala sobre a importância do ator principal da informação (Criolo), este discute e destaca o valor do personagem na notícia.

Adiante, a **novidade** aparece. Segundo Traquina (2006), a área jornalística interessa-se muito pela primeira vez. O que poderia haver de novo no gênero *rap*? Qual a inovação proposta por Criolo, mesmo com outros fortes nomes do gênero já abordados em capas anteriores, como visto nas Figuras 1, 2 e 3?

Aqui, a novidade fica por conta da sensibilidade do músico, qualidade impressa na chamada de capa da edição. Entre parênteses, a promessa de detalhamento sobre o novo disco do cantor, dedicado ao samba, foge do que tradicionalmente se esperaria de uma capa dedicada ao *rap*, que seria o debate sobre a crítica social presente no gênero, a relevância

dos problemas sociais descritos nas músicas, entre outros (CONTIER, 2005), e não a sensibilidade, ainda que esta também seja importante.

Outro fator que exalta a diferença de Criolo para outros músicos do gênero, como Mano Brown, são suas vestimentas e pose, bem como a falta de calçados. Em conjunto com a chamada da capa, um ar irreverente, descontraído e diferente do tradicional é percebido.

Portanto, a capa representada na Figura 5 acaba por trazer uma personalidade do *rap* nacional, mas focando em outra vertente musical, que é o samba, além de introduzir um personagem famoso para o *rap* em outro gênero. Isso acaba por diminuir ainda mais o espaço do *rap* nas capas da Rolling Stone Brasil, mesmo levando em consideração o rosto e nome do músico estampados na capa, o que poderia atrair leitores simpatizantes com o estilo musical, ainda que a edição vá abordá-lo apenas brevemente, como indicado na chamada.

Figura 6 - Capa que apresenta Karol Conka



Fonte: Reprodução Rolling Stone Brasil.

A última capa analisada por esta pesquisa (Figura 6) traz a *rapper* Karol Conka. Negra e feminista, Karol é tida como a “mulher de maior destaque no *hip hop* nacional”. Aqui, o paralelo com a capa da Figura 1, que traz Emicida como *rapper* que combate o preconceito e gerencia uma marca de sucesso, novamente é evidente. Porém, o sucesso representado na capa da Figura 6 seria a luta de Karol, que chegou ao estrelato do *rap* mesmo com a força dos grandes nomes masculinos, como Mano Brown, Criolo e Emicida.

O primeiro valor-notícia identificado nesta capa é o da **novidade**. A chamada de capa enaltece a força feminina no *rap*, afirmando que é possível discutir temas importantes para as periferias, comuns no *rap*, mas sem precisar se apoiar no nome de outros músicos homens. Isso fica evidente quando a chamada diz “faz sucesso sem abrir mão das próprias verdades”. Outro valor-notícia complementa: a **atualidade**. Segundo Wolf (1992), quanto mais proximidade do acontecimento com a publicação deste, melhor, e a atualidade está diretamente ligada à frequência. Karol aborda os temas que se discutem na mídia no momento em que a publicação é veiculada.

Pronta para defender seus pensamentos, Karol é a face feminina no *rap*. Encontramos aqui o valor-notícia da **personalização** (TRAQUINA, 2005), seguido da **proximidade**. Para Wolf (1992), a capacidade de entretenimento é um valor-notícia importante, e a notícia precisa ser interessante para o público que está acompanhando. Este último aparece por conta da representação que a cantora oferece às fãs do gênero musical. Anteriormente, a dificuldade em se encontrar *rappers* mulheres era imensa, tornando árdua a tarefa de fãs mulheres se sentirem representadas por um dos grandes nomes do *rap*.

Karol segue discutindo temas chave para o gênero, trazendo o valor-notícia da **relevância** (TRAQUINA, 2005) para a capa. De acordo com Traquina (2005), esse valor-notícia determina que a noticiabilidade tem relação com a capacidade do acontecimento incidir ou ter impacto sobre as pessoas, sobre o país, sobre a nação.

Acima, portanto, encontram-se os valores-notícia presentes nas seis capas da revista Rolling Stone Brasil dedicadas ao *rap*. Fugindo do gênero musical em questão em uma das seis capas, a publicação seguiu, em geral, discutindo o *rap* e suas implicações no cenário cultural, social e político do Brasil. Entretanto, pelo conteúdo presente nas capas, o foco permanece nas celebridades do gênero, deixando de lado as relevantes discussões que o *rap* levanta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo respondeu ao objetivo geral, de analisar o espaço oferecido pela revista Rolling Stone Brasil ao gênero musical rap em suas capas. Também atendeu aos objetivos específicos, analisar as capas da revista Rolling Stone Brasil que trazem o rap/hip hop, entender como a publicação apresenta o estilo musical em suas capas, através da ótica dos valores-notícia e identificar os valores-notícia nas capas da publicação que abordam o rap/hip hop.

Percebeu-se que, entre mais de 140 capas publicadas pela revista Rolling Stone Brasil, apenas seis foram dedicadas ao gênero musical abordado na pesquisa. Destas, cinco focam em rappers e seus trabalhos, conceitos e atividades envolvendo o rap, e uma segue, após apresentar o rapper Criolo, para o samba de seu novo disco.

Além do pouco espaço para o *rap*, as capas acabam focando em artistas famosos do gênero. A princípio, o *rap* é, segundo Yúdice (2006), feito por moradores da periferia para moradores da periferia. Combater o sistema opressor para com os pobres, negros e favelados acaba sendo tarefa ambígua quando as personalidades abordadas na capa tendem a ser ricas e morar longe da favela.

Ademais, oito valores-notícia foram encontrados nas capas. São eles: **atualidade, relevância, novidade, personalização, dramatização, notoriedade, proximidade e significatividade** (WOLF, 1992; TRAQUINA, 2005).

Dentre os valores, um que teve destaque foi a **notoriedade** (TRAQUINA, 2005), visto que todos os *rappers* apresentados nas publicações são grandes nomes do gênero. Por exemplo, a presença do Mano Brown esteve em 50% das capas, o que reforça a relevância deste valor-notícia dentro das capas da Revista Rolling Stone Brasil. No caso das capas da Rolling Stone Brasil analisadas, os músicos são o foco das reportagens, portanto a face da notícia. Também acabam sendo registrados como os rostos do *rap* no Brasil, graças ao enfoque à personalidade oferecido pela publicação.

Seguindo, o valor-notícia da **novidade** (TRAQUINA, 2005) que apareceu em todas as análises das seis capas. Isso porque as publicações focaram em novos projetos de

cada um dos músicos, ou ainda em fatos inéditos envolvendo vida pessoal, opiniões polêmicas e controversas sobre assuntos como política, governo, racismo e pobreza, ou ainda características específicas de cada *rapper*, como no caso da Figura 6, que aborda o poder feminino com a cantora Karol Conka.

Ao final da análise das seis capas, chegou-se à conclusão que todos os objetivos da pesquisa foram alcançados. Todas as capas apresentam valores-notícia condizentes com os autores abordados (TRAQUINA, 2005; WOLF, 1992), ainda que o espaço para o *rap* seja, em geral, bastante reduzido nas publicações da Rolling Stone Brasil.

Além dos valores-notícia, outros pontos da análise enfocam a questão do espaço para o *rap*. Apenas seis capas, entre mais de 140, foram dedicadas ao gênero. Outro ponto encontrado foi o foco em personagens, de certa forma, distantes da realidade da favela, ainda que a origem destes seja na periferia. Segundo Yudice (2006), o *rap* acaba perdendo um ponto importante: a proximidade com o ambiente de origem do gênero.

A dificuldade enfrentada pela pesquisa foi a de pouca capas disponíveis sobre o gênero entre diversas da Rolling Stone Brasil, o que acabou direcionando a análise para um único ponto central: a falta de espaço para o *rap* na publicação.

Como sugestão para futuras pesquisas, aponta-se a necessidade de abordar o motivo pelo qual o *rap* acaba sendo um gênero musical que possui pouco espaço em revistas, com maior aprofundamento neste ponto, para que descubra-se o porquê da falta de interesse em se falar do gênero.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Leonel Azevedo de. **Entretenimento: valor-notícia fundamental**. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2008v5n1p13/10217>>. Acesso em 11 de maio de 2018.

AMORIM, Lara Santos de. **CENAS DE UMA REVOLTA URBANA: MOVIMENTO HIP HOP NA PERIFERIA DE BRASÍLIA**. Disponível em: <https://s3.amazonaws.com/academia.edu.documents/45760390/CENAS_DE_UMA_REVOLTA_URBANA-ANPOCS.pdf?AWSAccessKeyId=AKIAIWOWYYGZ2Y53UL3A&Expires=1526655635&Signature=ntRaQFZIXfdIAJGO8tDb43%2BZOx4%3D&response-content-

disposition=inline%3B%20filename%3DCENAS_DE_UMA_REVOLTA_URBANA_MOVIMENTO_HI.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2018.

ASSUMPCÃO, Gleice Aparecia. **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO RAP BRASILIENSE NA MÍDIA REGIONAL DA CIDADE**. Disponível em: <http://www.repositorio.unb.br/bitstream/10482/7604/1/2009_GleiceAparecidadeAssumpcao.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2018.

CONTIER, Arnaldo Daraya. **O rap brasileiro e os Racionais MC's**. Disponível em <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000082005000100010&script=sci_arttext&tlng=pt>. Acesso em 18 de maio de 2018.

JULIÃO, Luanda. **“Sobrevivendo no Inferno” é uma aula de história, política, racismo e luta por direitos**. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sobrevivendo-no-inferno-e-uma-aula-de-historia-politica-racismo-e-luta-por-direitos/>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

MAGRO, Viviane Melo de Mendonça. **ADOLESCENTES COMO AUTORES DE SI PRÓPRIOS: COTIDIANO, EDUCAÇÃO E O HIP HOP**. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/ccedes/v22n57/12003.pdf>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

MATSUNAGA, Priscila Saemi. **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA MULHER NO MOVIMENTO HIP HOP**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v20n1/a12v20n1>>. Acesso em 18 de maio de 2018.

MOREIRA, Fabiane Barbosa. **OS VALORES-NOTÍCIA NO JORNALISMO IMPRESSO: ANÁLISE DAS ‘CARACTERÍSTICAS SUBSTANTIVAS’ DAS NOTÍCIAS NOS JORNAIS FOLHA DE SÃO PAULO, O ESTADO DE SÃO PAULO E O GLOBO**. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=>>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

REVISTA JÁ. **ROLLING STONE**. Disponível em: <http://revistasja.com.br/revista.php?id=10718&magazine_id=305>. Acesso em 20 de maio de 2018.

ROSE, T. *Black noise. rap music and the black culture in contemporary America*. Hanover, University Press of New England, 1994.

SCALZO, Marília. **JORNALISMO DE REVISTA**. São Paulo: Contexto, 2006.

SPRING. **RollingStone**. Disponível em: <<http://www.springcom.com.br/publicacao/rolling-stone>>. Acesso em 20 de maio de 2018.

SCHWAAB, Reges Toni. TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **O TEMA COMO OPERADOR DE SENTIDOS NO JORNALISMO DE REVISTA**. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/2650/1690>>. Acesso em 01 de junho de 2019.

TRAQUINA, Nelson. **TEORIAS DO JORNALISMO VOL. 2: A TRIBO JORNALÍSTICA - UMA COMUNIDADE INTERPRETATIVA TRANSNACIONAL**. Florianópolis: Insular, 2005.

WOLF, Mauro. Estudo dos efeitos a longo prazo. **Teorias da Comunicação**. V. 10. Portugal, Editorial Presença, 1992.

YÚDICE, George. **A CONVENIÊNCIA DA CULTURA. USOS DA CULTURA NA ERA GLOBAL**. Cidade: 2006.